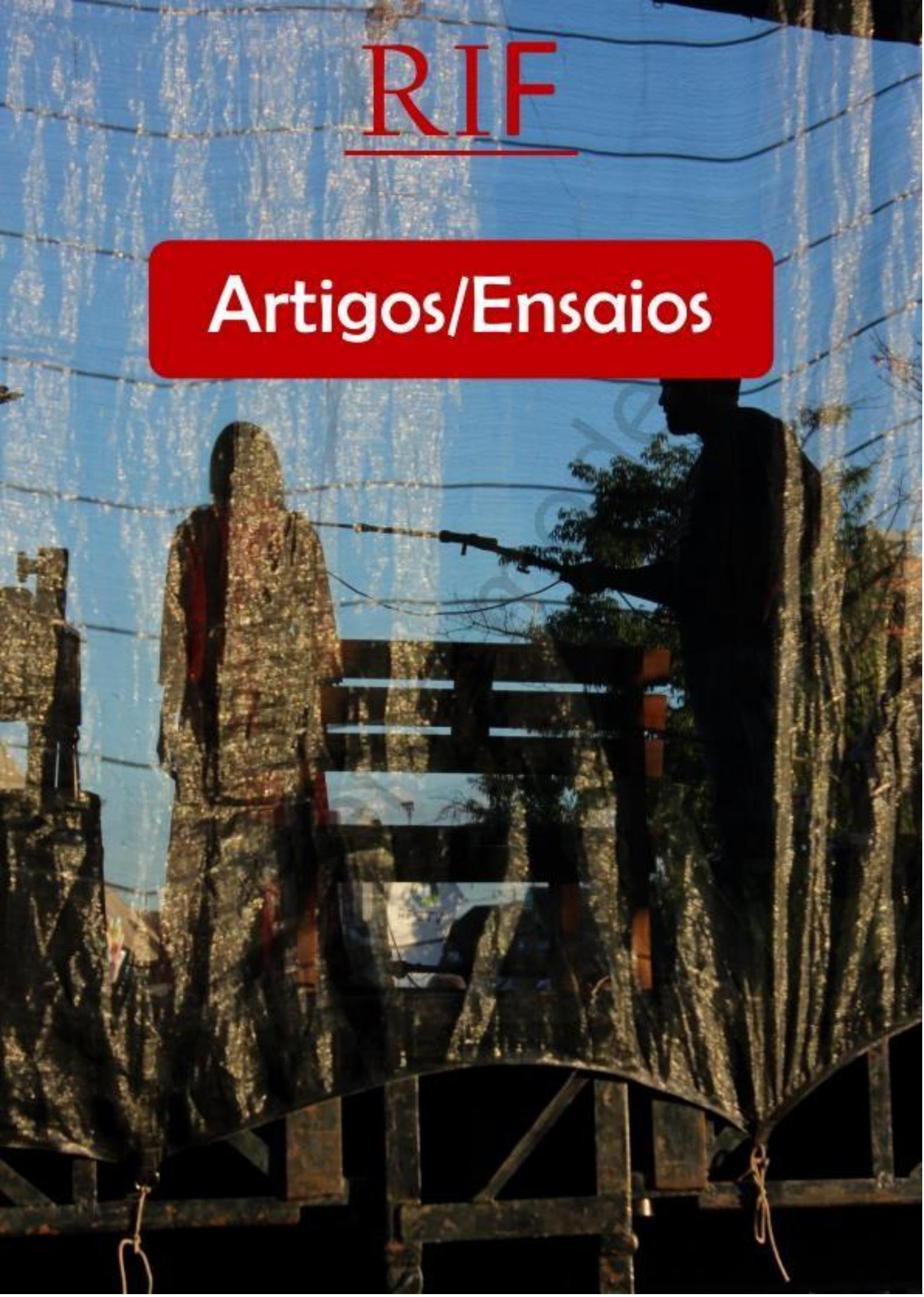


RIF

Artigos/Ensaaios



***Habitus* e trajetória de Luiz Beltrão de Andrade Lima:
algumas reflexões exploratórias**

Tiago Roberto Ramos¹

RESUMO

Analisando relatos biográficos acerca da trajetória de Luiz Beltrão, o artigo pretende apontar o conjunto de forças e valores que contribuíram para despertar o interesse do autor pelos temas da comunicação e do folclore. Amparados pela perspectiva da sociologia da ciência, apontamos alguns elementos que compõem o *habitus* desse agente e que permitem explicitar a existência de um tripé de valores pessoais que orientou as ações e as práticas do comunicólogo.

PALAVRAS-CHAVE

Sociologia da ciência – Luiz Beltrão – trajetória – *habitus*.

**Habitus and life trajectory of Luiz Beltrão de Andrade Lima:
some exploratory reflections**

ABSTRACT

By analyzing biographical accounts on the life trajectory of Luiz Beltrão, this article aims to identify the set of values and forces that contributed to arouse the interest of the author for the themes of communication and folklore. Founded on the perspective of the sociology of science, we point out some elements that comprise the habitus of this agent and that enable making explicit the existence of a tripod of personal values that guided the actions and practices of this communicologist.

KEYWORDS

Sociology of Science - Luiz Beltrão - life trajectory - Habitus.

¹ Mestre em Ciências Sociais (UEM), graduado em Ciências Sociais (UEM) e em Publicidade e Propaganda (UNICESUMAR). Atualmente professor e coordenado do curso de Publicidade e Propaganda na Faculdade Metropolitana de Maringá (Unifamma).

Habitus e trajetória: considerações iniciais

Luiz Beltrão de Andrade e Lima (1918-1986) foi um dos principais teóricos do jornalismo no Brasil, exercendo importante papel na institucionalização do campo e do pensamento comunicacional na universidade brasileira. Beltrão teve importância fundamental na organização dos primeiros currículos dos cursos superiores de jornalismo, elaborou uma extensa obra sobre a prática jornalística, incentivou a profissionalização e o aperfeiçoamento dos profissionais da área, fundou o primeiro centro de pesquisas acadêmicas sobre comunicação e a primeira revista científica brasileira dedicada aos temas comunicacionais. Foi também o primeiro doutor em comunicação a titular-se por uma universidade brasileira, a Universidade de Brasília, em 1967, com a tese *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias* (MARQUES DE MELO, 2001).

Comprometido com o desenvolvimento intelectual dos estudos de comunicação no país, Beltrão contribuiu para o fortalecimento de perspectivas científicas próprias para o estudo dos fenômenos comunicacionais específicos da realidade brasileira. Embora conhecida, sua trajetória é pouco problematizada, na medida em que a tendência geral é a da naturalização dos fatos e construção de relatos biográficos lineares e coerentes, silenciando a existência de possíveis conflitos e incongruências.

Ao debater a questão da formulação de relatos biográficos, Bourdieu (1996, p.186) afirma que esses relatos são quase sempre frutos de uma criação artificial de sentidos, uma vez que: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica [...]”. O significado de uma biografia, que fornece uma orientação retrospectiva e prospectiva a respeito das ações do ator, nunca existe como algo pronto, que está dado, mas sim é elaborado a partir de dinâmicas que produzem um sentido lógico e razoável para a existência que está sendo narrada, estando, portanto, sujeito a silêncios e invisibilidades.

Não pretendemos aqui, dada à extensão deste trabalho, construir o relato completo do *habitus* e da trajetória de Beltrão, mas sim apontar algumas características que exerceram influência na formulação dessas dinâmicas. Queremos explicitar forças e valores, materiais ou simbólicos, que tencionaram a construção da trajetória do

comunicólogo dentro de um espaço social específico; ou seja, buscamos compreender como alguns elementos do seu *habitus* eventualmente interferiram na maneira como a sua trajetória se desenvolveu.

Uma trajetória é o resultado objetivo da relação entre os agentes e as forças presentes no campo. Os eventos biográficos podem elucidar a maneira pela qual essa relação se constituiu em certos períodos. Articular esses eventos dentro de um conjunto maior de relações políticas, sociais e científicas, de um espaço social delimitado e num período geracional definido, permitiria a construção dessa trajetória, que identificaria as diferentes posições que o agente assume no decorrer da sua história dentro do campo e até que ponto esses movimentos interferem na sua constituição como sujeito. Nosso objetivo aqui é iniciar um processo de articulação dos dados biográficos disponíveis de maneira a elaborar um esboço inicial do *habitus* de Luiz Beltrão. Tarefa essa que poderá lançar alguns indícios acerca da trajetória desse pensador.

Bourdieu (2001) aponta que a produção do conhecimento científico se dá em espaços estruturados de luta, o campo. No campo, agentes combatem entre si, objetivando conquistar o objeto da disputa e o controle sobre as regras do jogo, entre outros. Tal combate ocorre obedecendo a certas estratégias formuladas pelos agentes. Essas estratégias são frutos da interação entre o *habitus* e as regras objetivas da luta. O *habitus* é conceito formulado pelo autor para identificar predisposições inconscientes e internalizadas que orientam o comportamento individual. O combate pressupõe dominantes e dominados, além de práticas e estratégias de luta. Aqueles que ocupam uma posição de dominação tendem naturalmente a criar estratégias de ortodoxia, voltadas para a manutenção das regras do jogo tais como elas se encontram e para a perpetuação do poder que possuem. Os dominados tendem naturalmente a construir estratégias de heterodoxia, visando subverter as regras do jogo de maneira a reverter sua posição de subjugados. O encontro do *habitus* com o campo gera a prática, a atividade do agente, suas atitudes e ações efetivadas no espaço de luta.

Bourdieu (1974, p. XL) define *habitus* como:

Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípios de geração e de estruturação de práticas

12

e de representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem que por isso sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptada a seu objetivo sem supor a visão consciente dos fins e o domínio expresso das operações [...].

Wacquant (2007, p. 66) comenta a definição de Bourdieu, afirmando que o *Habitus* pode ser entendido como:

O modo como a sociedade torna-se depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente.

Para além dessa definição geral do conceito de *habitus*, Bourdieu entende que o *habitus* se formula em dois grandes períodos. O *habitus* primário, incorporado durante a primeira infância e a adolescência, é transmitido implicitamente e inconscientemente por meio da educação familiar e das regras de classe herdadas pelo sujeito, cria um horizonte de possibilidades de ação e tende a reproduzir as condições sociais objetivas que o produziram. O *habitus* secundário, construído a partir das experiências individuais com o processo educacional e de interação social que irão constantemente promover uma revisão do *habitus* primário.

Valores familiares e o processo inicial de formação intelectual do agente serão os elementos privilegiados na nossa análise, pois contribuem para a constituição do seu *habitus* primário. As marcas dessas dinâmicas sociais irão acompanhar o sujeito em todos os espaços e posições que ele vier a ocupar. Essas marcas são mais estáveis, apesar de possuir certa flexibilidade. Outras características da prática social do agente são passíveis de negociação e articulação, conforme o contexto no qual ele está inserido e as posições por ele assumidas ou almejadas. Já os valores formativos iniciais, por se inscreverem inconscientemente, acompanham o agente por toda a sua trajetória, mesmo que não explícitos na ação.

O *corpus* analítico deste trabalho é construído por textos presentes na obra *Itinerário de Luiz Beltrão* (BENJAMIN, 1998) e outros textos pertinentes ao objetivo aqui levantado. O livro organiza dentro de certa cronologia os acontecimentos mais marcantes da vida de Luiz Beltrão, construindo seu itinerário intelectual e profissional. Apesar de não ser uma biografia no sentido estrito, a obra tem um caráter biográfico, trazendo informações importantes acerca da história de vida desse comunicólogo. Escolhemos esse relato, porque, além de disponibilizar dados importantes para a análise que propomos, ele também permite pensar como se formulam e circulam as memórias sobre esse personagem da história intelectual brasileira. Dentro desse *corpus*, recortamos alguns elementos que nos permitem pensar o complexo conjunto de dinâmicas que envolve origem social, ambiente familiar e formação intelectual, elementos responsáveis por gerar e caracterizar a prática social e científica de Luiz Beltrão.

Nossa problemática se constitui a partir do questionamento sobre o processo de desenvolvimento da teoria folkcomunicativa. Como sabemos, essa teoria é uma das principais contribuições de Beltrão para o campo de pesquisas em comunicação no país. Embora não seja um paradigma dominante, e permaneça marginalizada na hierarquia dos objetos de pesquisa, ela se mantém ao longo do tempo como um tema de pesquisa que ainda movimenta certas correntes intelectuais. Dada a sua importância para a história do desenvolvimento das pesquisas em comunicação no país, analiticamente, levantamos a seguinte questão: qual o conjunto de valores sociais, políticos, intelectuais e pessoais que desperta o interesse de Luiz Beltrão para a questão da cultura popular e do folclore? A partir do esboço do *habitus* primário desse agente, poderemos chegar a possíveis respostas para tal questionamento.

Como pode ser observado, metodologicamente a análise está orientada pelas formulações de Pierre Bourdieu (2004). O principal conceito que nos auxiliará a compreender as questões propostas é o de *habitus*. O *habitus*, como aponta Setton (2002, p. 64), “consegue apreender o princípio de parte das disposições práticas normalmente vistas de maneira difusa”. Ele se constitui a partir de um conjunto de disposições socialmente construídas e internalizadas que gera as práticas sociais do agente. São sinais incorporados de uma trajetória, estruturas estruturadas e

estruturantes que unificam o conjunto de práticas e ideologias características de um agente ou de um grupo.

Como elemento gerador das práticas, o esboço do *habitus* primário de Luiz Beltrão nos permitirá compreender os princípios valorativos que orientaram a sua ação dentro do campo de estudos da comunicação.

O universo cristão: valores formativos e prática científica

Neto de senhores de engenhos empobrecidos pela força das mudanças econômicas do fim do século XIX, com o advento das grandes usinas de açúcar no Brasil, Luiz Beltrão nasce em uma Olinda marcada pela decadência econômica e política e pela forte influência da religiosidade cristã católica. Da família, embora empobrecida, a maioria teve acesso a uma formação educacional adequada, com sólidos princípios morais fornecidos pelos colégios confessionais ou pelos internatos de Portugal.

Filho de um profissional liberal que exercia a odontologia e que também era funcionário público, Beltrão demonstra forte apego aos valores familiares tradicionais e aos valores cristãos (BENJAMIN, 1998, p. 29). Ao rememorar sua família, o pensador afirma:

Foram eles, com seu exemplo de virtudes, que plantaram no meu coração a semente do amor pela cidade de Olinda e pela minha gente pernambucana, de modo especial pelos homens e mulheres comuns, pelos humildes e pequeninos, pelos indefesos e sofredores – os bem-aventurados do Sermão da Montanha. (BELTRÃO apud BENJAMIN, 1998, p. 29).

Essa fala explícita, como nenhuma outra, o conjunto de valores enraizados nesse personagem. Podemos elencar três grandes esferas de valores objetivados: as virtudes familiares, a crença religiosa, a atenção para com os menos favorecidos. Tais valores constituem um tripé que irá orientar, como pretendemos demonstrar, as práticas sociais e científicas desse pensador.

Primeiro, temos a família como referência social e filial básica. Família tradicionalmente patriarcal, ainda marcada pelas características do velho engenho, mas

já adaptada às condições sociais do início do século XX. Como aponta Freyre (1998), a passagem do patriarcalismo rural para o semipatriarcalismo urbano no Brasil cria uma sociedade marcada pela presença de novos valores sociais, mais liberais, caracteristicamente inspirados na modernidade europeia francesa e inglesa. O pai de Beltrão torna-se um exemplo clássico desse processo de mudança de valores. Ao mesmo tempo que exercia a profissão liberal de odontólogo, era também funcionário público. Ou seja, é justamente fruto dessa geração que vivenciou as mudanças da passagem do século XIX para o XX. Do conflito entre uma sociedade tradicional e outra mais liberal que se constituía, Beltrão, nascido já no século XX, não teve uma experiência direta; no entanto, ele carrega marcas desse período no seu processo de formação, uma delas é justamente o apreço pela família tradicional cristã.

A estima pela religiosidade, pela obediência aos valores cristãos, surge como um segundo elemento importante que caracteriza as disposições desse agente. Em vários momentos da sua carreira, Beltrão irá tanto professar esses valores cristãos quanto buscar apoio e auxílio institucional na Igreja, para a manutenção e fortalecimento da sua atividade profissional e intelectual. Um exemplo marcante e expressivo da presença da religião na memória desse autor pode ser encontrado quando afirma: “[...] sob os olhares do santo, Naná e eu recebemos a primeira lição da cartilha, o alfabeto.” (BELTRÃO apud[VERIF] BENJAMIN, 1998, p. 36).

Da primeira lição da cartilha ao reconhecimento acadêmico dos seus esforços, Beltrão será amparado pela religiosidade. Espiritualmente ou materialmente, a religiosidade católica será um elemento importante na sua trajetória. O comunicólogo sempre se manteve em contato direto com os membros da Igreja Católica. Dos 12 aos 14 anos, foi seminarista em Olinda, período em que recebeu orientação espiritual de padres jesuítas. Essa passagem pelo seminário serviu para arraigar seus valores cristãos e também para construir uma pequena rede de contatos que abririam caminhos para outras oportunidades.

Em 1960, Beltrão encontra apoio da Universidade Católica de Pernambuco para a criação do curso autônomo de jornalismo. Apesar de todos os percalços e dificuldades, é dentro de uma instituição confessional que o autor encontrará amparo para suas propostas. A partir dessa filiação profissional inicial, Beltrão irá cada vez mais ligar-se

aos movimentos católicos. Ainda na década de 1960, com sua participação em encontros da Unión Latinoamericana de Prensa Católica (Uclap), ele estabelece contatos com a alta hierarquia da Igreja Católica na América Latina, desenvolvendo um trabalho comprometido com os objetivos pastorais da Igreja Católica. Em 1972 é eleito membro do conselho da União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC). Ambas as instituições agregavam pesquisadores e jornalistas em torno dos temas comunicacionais e dos programas da Igreja para o desenvolvimento da América Latina.

Até o fim da vida, Beltrão permaneceu fiel aos princípios do catolicismo. Um depoimento do Frei Clarêncio Neotti atesta essa fidelidade:

Outra vez eu estava em Brasília, numa reunião da Comissão de Pastoral, da Conferência dos Bispos. Zita me preveniu que Beltrão não estava bem. Telefonei para ele, pensando em visitá-lo. Mas foi ele que veio a meu encontro. E me disse: “Quero conversar não com o editor nem com o amigo; quero conversar de penitente para confessor!” E falamos por bem duas horas. E sendo a conversa no nível que ele me pediu, não me cabe nem posso fazer comentários (BENJAMIN, 1998, p. 110).

Dessa forma, as instituições católicas sempre se mantiveram na retaguarda dos movimentos de Beltrão. Introdutoriamente, nos satisfazemos em apontar a existência dessa correlação, embora saibamos da necessária tarefa de qualificação da intensidade desse relacionamento.

Em Beltrão, a presença marcante da religiosidade cristã, associada aos princípios da família tradicional, terá como consequência a observância dos valores morais, a busca pela justiça social e a defesa dos pobres e humildes. É esse o terceiro conjunto de valores que orientará as ações do pensador. Sua dedicação às classes mais oprimidas e seu compromisso de tornar explícitos os anseios dessa parte da população se farão presentes na formulação da teoria folkcomunicativa. Como afirma Benjamin (1998, p. 47), foi no seminário que Beltrão ouvia as longas homílias sobre a missão que eles teriam de ser o sal da terra. Aparentemente, Beltrão assume essa missão no plano secular, esforçando-se por tornar audível a voz do povo em um contexto social mais

amplo. É também aqui que se faz presente a influência de seu pai, conhecido por atender gratuitamente os menos favorecidos, por ser um cidadão ilibado que auxiliava a sua comunidade naquilo que era preciso e que estava ao seu alcance.

Seguindo o exemplo do pai, participante ativo dos movimentos políticos regionais, Beltrão se torna, ainda na juventude, membro de associações culturais e grêmios estudantis. Após sair do seminário, o autor vivencia um período de estreito contato com artistas e intelectuais, marcando presença nos circuitos dos sarais culturais de Olinda. É nesse ambiente cultural que ele começa a escrever seus primeiros textos literários, o que abrirá caminho para a sua entrada no mundo do jornalismo e, posteriormente, para a ativa participação política a partir das associações de classe e sindicatos.

Esse complexo conjunto de valores irá manifestar-se nas primeiras formulações teóricas do autor. A partir deste esboço, defendemos o argumento de que é pela porta da religiosidade que Luiz Beltrão chega ao folclore como tema de estudo e objeto de pesquisa. A prova mais cabal disso é que o primeiro estudo realizado pelo autor tem como objeto central de reflexão o ex-voto, prática característica da religiosidade popular. Essa marca é capaz de expressar a maneira pela qual o tripé de valores, que discutimos antes, se tornou explícito na obra do comunicólogo.

É sintomático que o pensamento científico comunicacional brasileiro tenha algumas de suas raízes fincadas no espaço simbólico da religião e do folclore, mais especificamente da religião praticada pelas classes populares. Por isso, é necessário o esforço de compreender as forças conjunturais que se articularam para a produção desse posicionamento científico inicial do pensamento comunicacional. É sabido que, durante as décadas de 1960 e 1970, alguns setores da Igreja Católica tiveram importante papel na organização de certa resistência ao regime autoritário e na proteção daquelas camadas da população menos favorecidas. Hipoteticamente, podemos pensar que a aproximação de Beltrão desses setores da Igreja o tenha levado a estabelecer as relações entre o objeto ex-voto e sua capacidade comunicativa.

Unindo os valores do catolicismo popular e tradicional, com o apelo do povo, Beltrão encontra na prática da produção e circulação dos ex-votos a expressão de um

determinado posicionamento das camadas populares acerca das condições de existência nas quais vivem. Afirma Beltrão (2001, p. 214):

O ex-voto, na sua “ingênua exageração de milagres” é, na verdade, um veículo da linguagem popular, dos seus sentimentos. Agradecimento a Deus e protesto contra os homens de governo, responsáveis pela situação lastimável em que se encontra a maioria dos povos brasileiros.

Aparentemente, para Beltrão, a capacidade comunicativa e simbólica de objetos como o ex-voto reside não só naquilo que ele evidencia – a graça alcançada –, mas também naquilo que funciona implicitamente. A saber, as condições sociais que se materializam no objeto e nas quais o objeto se materializa, mas que não são explícitas, sendo necessário o trabalho do pesquisador em revelar essas condições sociais de produção. As “chaves” para a interpretação desses objetos se encontram justamente aí, no contexto social e político que permite a sua emergência.

Conforme levantamos anteriormente, o tripé de valores é o elemento a partir do qual Beltrão irá elaborar seu pensamento e nortear sua prática social e científica. Tais valores, no entanto, também são flexíveis e contextuais, o que significa que são articulados de diversas maneiras, dependendo das aspirações do agente e das condições históricas nas quais estão inscritos. Um exemplo para ilustração e reflexão diz respeito à forma como a figura de Beltrão e sua obra é muitas vezes tratada em alguns textos, nos quais ele aparece como o “Pai” das ciências da comunicação no Brasil e os seus “discípulos” se esforçam por elaborar e perpetuar uma memória do pioneirismo desse agente, responsável pela “gênese” da teoria folkcomunicativa. Essas qualificações colocam em funcionamento um conjunto de valores nem sempre explícito, mas que produz efeitos de sentido capazes de posicionar os agentes em espaços estratégicos.

Apontado esse conjunto de valores e a sua dinâmica de funcionamento, podemos dar início a reflexões que pretendem revisitar e revisar a forma de interpretar o processo de desenvolvimento da teoria folkcomunicativa e a maneira pela qual a memória de Luiz Beltrão é elaborada e posta em circulação, reflexões essas que possibilitam colocar novas questões em debate.

Referências

- BELTRÃO, L. (2001a). *Folkcomunicação*: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BELTRÃO, L. (2001b). O ex-voto como veículo jornalístico. In: MARQUES DE MELLO, J. (Org.). *Mídia e folclore*: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá: Faculdades Maringá; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo/ Cátedra Unesco de Comunicação.
- BENJAMIN, R. (Org.). (1998). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: AIP/Unicap.
- BOURDIEU, P. (1974). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva.
- BOURDIEU, P. (1996). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV.
- BOURDIEU, P. (2001). **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (2004). **Os usos sociais da ciência**: para uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp.
- FREYRE, G. (1998). **Sobrados e mucambos**: introdução à história patriarcal no Brasil. 10. ed. Rio de Janeiro: Record.vol. 2.
- MARQUES DE MELLO, J. (Org., 2001). **Mídia e folclore**: o estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Maringá: Faculdades Maringá; São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo / Cátedra Unesco de Comunicação.
- MONTAGNER, M. A. (2007). Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 240-264, jan./jun..

SETTON, M. G. J. (2002). A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20.

WACQUANT, L. (2007). Esclarecer o *habitus*. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul./dez.